

SERRA dos SOBREVIVENTES

O aglomerado de favelas



SERRA dos SOBREVIVENTES

O aglomerado de favelas

ADAPTAÇÃO TEATRAL DE QUARTO DE DESPEJO
DE CAROLINA MARIA DE JESUS

ANA BEATRIZ MOTERANI
ANA JÚLIA TEODORO
BEATRIZ FLORIANO
GIOVANNI SANTUCCI
MARIANA SANTOS

ILUSTRAÇÃO
ANA JÚLIA TEODORO



Índice

Prefácio	3
Personagens	8
Ato I - Cena I.....	9
Cena II	11
Cena III	16
Cena IV	17
Cena V	20
Cena VI	21
Cena VII	23
Cena VIII	26
Cena IX	28
Cena X	30
Cena XI	32
Cena XII	34
Cena XIII	35
Ato II - Cena XIV	38
Cena XV	40
Cena XVI	44
Cena XVII	49

Prefácio

Da comunidade para o mundo

Beatriz Floriano e Mariana Santos

Aos leitores que aqui mergulham na leitura da obra “Serra dos Sobreviventes: O aglomerado de favelas”, nos apresentamos como estudantes do segundo ano do Ensino Médio do Curso G9, de Itajubá, Minas Gerais. Nosso e-Book surge de um projeto escolar interdisciplinar, proposto a partir da leitura da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, publicado em agosto de 1960. Essa obra conta com uma compilação de histórias da vida da autora, registradas em 20 diários, que

retratam seu cotidiano de mulher negra, pobre e moradora da favela do Canindé, localizada na cidade de São Paulo. Carolina trabalhava como catadora de papel e era mãe solo de três filhos, com os quais vivia num barraco muito simples.

Com base na leitura dessa obra, nos inspiramos para, então, desenvolver uma adaptação teatral. Em nosso eBook, retratamos a personagem Camila Rosária da Silva Aparecida, uma mulher negra, moradora de uma comunidade na cidade de Belo Horizonte (MG), que trabalha como catadora de latinhas e sustenta, sozinha, seus quatro filhos: Chiquinha, Pedrinho, Marlene e Madalene. A família vivencia uma rotina de precariedades, sendo obrigados a lidar com a escassez de direitos bá-

sicos, com a exposição à violência e com a fome, uma das piores condições da vida da personagem. Tudo isso é registrado, por Camila, em seu caderno, que se torna um refúgio em meio ao caos.

Contudo, os obstáculos do dia a dia não serão capazes de fazer com que Camila desista de lutar por uma vida digna para sua família. A personagem, que é uma mulher forte e batalhadora, enfrentará turbulências para proteger e confortar seus filhos. Ao seu redor, Camila se vê obrigada a conviver com pessoas que, na maioria das vezes, agem de maneira inconveniente, causando medo, angústia e raiva à protagonista. Além de estar inserida em um cenário de dor, desespero, negligência do Estado, necropolítica e falta de esperança.

Camila é a metonímia de muitas mulheres, especialmente, as pretas, pobres e mães solas, que vivem à margem, oprimidas pela violência e pelas desigualdades sociais.

Assim, nosso texto propõe uma reflexão sobre fatos que ocorrem, muitas vezes, não muito distantes e que, geralmente, não estamos atentos ou que fingimos não ver, para não termos que sair do conforto de nossa bolha. Desejamos, portanto, evidenciar a importância de estarmos sempre conectados com a atualidade e seus mais distintos acontecimentos, pois vivemos em um país e mundo de muitos contrastes, onde a maioria se encontra marginalizada, sobrevivendo à ameaça das mazelas sociais e reféns das dificuldades,

enquanto uma minoria esbanja fartura, grandiosidade material e privilégios. Ao trazer a história de Carolina Maria de Jesus para o ano de 2020, com a vida de Camila Rosária, é possível observar como os quartos de despejo se multiplicam, se tornando cada vez mais contemporâneos.

2020

Personagens

Camila: personagem principal, catadora;

Chiquinha: filha biológica de Camila;

Pedrinho: filho biológico de Camila;

Marlene: filha de criação de Camila, gêmea de Madalene;

Madalene: filha de criação de Camila, gêmea de Marlene;

Debbie: jornalista inglesa da BBC News, esposa de Arthur;

Arthur: fotógrafo inglês da BBC News, esposo de Debbie;

Senhor Otaviano: espanhol vendedor de frutas;

Carla: vendedora de frutas;

Dona Rosa: vizinha de Camila.

ATO I

CENA I

Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, no pé do morro, próximo de uma feirinha. Fim da tarde.

Camila, com uma sacola de lixo cheia de latinhas no ombro, passa por uma tenda de frutas na volta para casa.

SENHOR OTAVIANO *(percebe Camila passar e grita, passando a mão sobre a barriga) - ¿Vas a comprar algo hoy, doña Camila?*

CAMILA *(tira os olhos do chão e olha para Senhor Otaviano; não entende muito o que ele fala) - Eu não tenho dinheiro suficiente desta vez, Senhor Otaviano.*

SENHOR OTAVIANO *(nega com a cabeça, pe-*

gando uma de suas maçãs brilhantes e a estende sorrindo) - ¡Qué tontería! Vamos!

CAMILA *(admirada pela fruta) - Nossa, isso é realmente gentil da sua parte, Senhor Otaviano. (Duvidosa.) Lá em casa 'tá'...*

SENHOR OTAVIANO *(puxa a maçã para perto de si e dá uma mordida, sorrindo maldosamente) - Pague lo que me debe primero, si no voy tras usted o sus hijos.*

CAMILA *(recua assustada com a ameaça) - Eu... eu irei, Senhor Otaviano. Só me deixe receber por essas latinhas.*

SENHOR OTAVIANO *(joga a fruta no lixo e olha para Camila com superioridade) - ¡Y hazlo rápido, miserable!*

(Camila vai para seu barracão, rapidamente).

CENA II

Camila entra em seu barracão que é, praticamente, ao lado da tenda de frutas. Assustada.

CAMILA *(olha seus filhos sentados em volta de uma simples mesa de madeira)* - Ah. Oi, crianças.

PEDRINHO *(estranha a fala triste da mãe)* - Mamãe? 'Tá' tudo bem?

CAMILA *(respira fundo, juntando todas as energias do mundo em si, para amparar suas crianças)* - 'Tá' sim, filho. 'Ceis' comeram na escola hoje?

CHIQUINHA *(se levanta e vai até a mãe)* - Hoje eles 'deu' um prato 'cheião' de arroz com feijão

e uma carne que 'tava' uma beleza. *(Puxa a mãe para se sentar.)* 'To' tão desacostumada com isso, que nem sabia por onde começar.

PEDRINHO *(animado ao lembrar da comida da escola)* - 'Tava' uma delícia! Minha 'pancinha' chega a chorar pedindo por mais! O mais estranho é que algumas das outras 'criança' 'fica' reclamando que é ruim, não sei o que lá! Comi o deles também!

CAMILA *(com pesar no coração, por não poder dar uma refeição digna aos filhos, sorri triste para os dois)* - Não fiquem mal acostumados, quanto mais se come, mais..

CHIQUINHA *(interrompe a mãe)* - "Quanto mais se come, mais se quer". A gente sabe.

CAMILA *(balança a cabeça para os lados, assim como a filha, e sorri fracamente pela fo-*

me) - Que bom que entende. *(Levanta com dificuldade).*

PEDRINHO *(olha a mãe se levantar e grita quando a vê chegar perto de uma caixinha de metal)* - E hoje? *(Pergunta, curioso).*

CAMILA *(vira-se para o filho com o cenho franzido)* - E hoje o que, Pedrinho? *(Pergunta, confusa).*

PEDRINHO *(inocentemente)* - 'Vamo' ter algo pra 'comê' hoje à noite? 'To' com fome.

CHIQUINHA *(olha para a mãe e percebe que está com o olhar triste de sempre)* - Mas tudo bem se não tiver, viu mãe? Pedrinho que é exagerado demais, 'cê' sabe.

PEDRINHO *(ofendido, retruca)* - Uai! Claro que não sou 'ô'! Eu 'to' com muita fome!

CHIQUINHA *(esbraveja)* - Cala a boca!

CAMILA *(não suporta a discussão dos dois e o momento)* - Quietos! Os dois!

CHIQUINHA *(voz calma)* - Desculpe, mamãe.

CAMILA *(conta o dinheiro e vê que só tinha o suficiente para pagar Senhor Otaviano)* - Infelizmente, hoje a gente não vai comer, crianças.

CHIQUINHA *(com ar de desânimo)* - Então, é melhor a gente deitar pra passar a fome. Boa noite, mãe!

CAMILA - Boa noite!

(Chiquinha e Pedrinho vão se deitar e saem de cena).



CENA III

Camila escreve em seu caderno de brochura vermelho. Tardezinha da noite.

CAMILA *(fala alto, enquanto escreve em seu diário; um pouco triste)* - "Hoje é terça. Já se fazem alguns dias que não comemo quase nada aqui em casa. As criança comem bem, só quando tão na escola. Fora de lá, passam fome. Amanhã recebo um dinheirinho pelas latinhas, e talvez consigo algo para comer com mais sustento. O pão que mata fome nunca nos visita. Passa na frente de casa pra dar água na boca e fazer o bucho roncar."

(Camila para de escrever).

CENA IV

Madalene e Marlene entram no barracão indo em direção à Camila. Tarde da noite.

MADALENE *(coloca três notas na mesa)* - Foi o que “nois” conseguiu hoje. Sei que é pouco...

CAMILA *(pega as notas e esboça um sorriso)* - É mais do que deveria. Obrigada por ajudar.

MADALENE *(sorri graciosamente)* - Nada mais do que o que ‘devemo’ ‘fazê’.

MARLENE - Mas se a gente não tivesse dado o dinheiro pra ela, a gente ia ‘consegui’ ‘compra’ coisa pra gente... *(Fala de forma arrogante)*.

MADALENE *(arregala os olhos e dá um tapa no ombro da irmã)* - Quieta, Marlene! Ela que

deu casa pra gente e que cuida de 'nois'! É o mínimo que 'podemo' 'fazê'.

MARLENE *(revira os olhos)* - Tanto faz. Vou é dormir.

MADALENE - Eu também. Me desculpa pela Marlene. Boa noite, Camila!

CAMILA - Tudo bem. Boa noite, meninas!

(Madalene e Marlene vão se deitar e saem de cena).



CENA V

Camila volta a escrever em seu caderno.

CAMILA - "As duas são gêmeas, mas nem mesmo se parecem, de rosto nem de caráter. Madalene salvou Marlene de todos os tipos de roubada, e continua salvando. As duas são muito inteligentes, só que uma é leal a quem ajuda e a outra astuta o bastante pra bater de frente com todos. Desde que a mãe delas morreu, ficaram sem casa. Então resolvi que elas mereciam ao menos uma. Casa não, um local pra dormir. Se nem eu chamo isso aqui de casa ou lar, quem dirá elas".

(Camila vai se deitar e sai de cena).

CENA VI

Depois de ir catar algumas latinhas, Camila está contando o pouco dinheiro que tem, na mesa do barracão. Pedrinho entra em cena animado. Começo da manhã.

CAMILA *(conta o dinheiro em voz baixa, preocupada)* - Dois, quatro, seis...

PEDRINHO *(eufórico)* - Ô mãe, senhora 'tá' ligada de que dia é hoje, né?

CAMILA *(abre um sorriso)* - Claro que sei, menino! Vem logo aqui pra eu te dar um abraço de feliz aniversário, vem! *(Camila o abraça forte.)* Que Deus te abençoe, filho!

PEDRINHO *(incomodado)* - Valeu, mãe! Mas já pode soltar, vai!

CAMILA *(acha graça e solta Pedrinho, rindo)* -
lh, 'tá' fazendo só 11 anos e já 'tá' com vergo-
nha da mãe, hein!

PEDRINHO *(balança a cabeça negando,
enquanto arruma o cabelo)* - Nada "a vê" isso
aí, mãe.

*(Chiquinha, Madalene e Marlene entram em
cena).*

CENA VII

As meninas entram em cena e se sentam na mesa junto à Camila e Pedrinho.

Começo da manhã.

MARLENE *(esperançosa)* - E aí, Camila? Esse dinheiro aí vai 'dá' pra comprar algo pra gente comer?

CAMILA *(chateada)* - Quem dera, Marlene! Não posso gastar esse dinheiro, porque tenho que 'paga' o Senhor Otaviano. 'To' é devendo pra aquele espanhol faz tempo e tenho medo que ele venha atrás do 'ceis'. *(Brava.)* Miserable!

CHIQUINHA *(compreensiva, mas com ar de tristeza)* - Tudo bem, mãe. A gente come na escola, mas e você? *(Pergunta, preocupada).*

CAMILA - Não se preocupem comigo! No final do dia vejo se consigo uns 'trocado' com essas 'latinha' que catei hoje cedo, pra fazer uma sopa. Agora vão para não atrasarem.

CHIQUINHA *(pega a mochila)* - Beleza, mãe! Hoje depois da aula vou ficar na rua com a Marlene e a Madalene, pra ver se achamos algumas latinhas também. Ok?

CAMILA *(preocupada)* - Mas quem vai trazer o Pedrinho pra casa?

PEDRINHO *(animado)* - Eu vou voltar com um amigo, mãe. O João Pedro, filho da Cristina, sabe?

CAMILA - Tudo bem, filho. Mas toma muito cuidado e venha direto pra casa. *(Em tom de alerta)*.

PEDRINHO *(pega a mochila)* - Fica tranquila!

CAMILA *(em tom de alerta)* - E vocês meninas, 'volta' antes que escureça! A rua tá um perigo! Cheia de tarados esperando a oportunidade para fazerem algo horrível!

MARLENE E MADALENE *(pegam a mochila)* - Esquentá a cabeça não que 'nois' volta logo.

CAMILA *(fala enquanto as crianças saem apressadas)* - Tchau crianças! Vão com Deus e boa aula!

(Crianças saem de cena e Camila volta a contar o dinheiro).

CENA VIII

Camila guarda seu pouco dinheiro e abre seu caderno para escrever um pouco.

Meio da manhã.

CAMILA *(suspira, aflita)* - "Hoje é dia 5 de fevereiro de 2020. Aniversário do meu pequeno. Já tá fazendo 11 anos. Mesmo parecendo cada dia mais moço, ele ainda é uma criança. A vida aqui na favela não é fácil, mas o mais difícil é ver meus filho sofrendo com a fome. Eles vão pra escola e lá podem comer alguma coisa. E não adianta reclamar. Pra escola eu obrigo todos ir, faça sol faça chuva. Mas quem dera eu pudesse dar uma casa melhor pra eles,

e colocar comida no prato todo dia. Quem dera eu pudesse protegê-los da polícia genocida. Do mundo do tráfico. Quem dera eu pudesse proteger minhas filhas dos aliciadores. *(Olha para cima e suspira.)* Podia escrever horas sobre meus sonhos mas já são altos demais pra mim. Melhor eu ir catar latinha, pagar minhas dívidas e ver se acho alguma coisa no lixo. Quem sabe é hoje meu dia de sorte e encontro um livro pra ler. Ou brinquedo pra dar de presente pro Pedro. *(Barriga “ronca”.)* Que fome!”

(Camila pega sua sacola e sai de cena).

CENA IX

Depois de passar horas catando latinhas na rua, Camila vai até a tenda de frutas do espanhol para pagar sua dívida e tentar comprar alguma fruta para comer.

Começo da tarde.

CAMILA *(pega o dinheiro em sua sacola e fala seco)* - Boa tarde, Senhor Otaviano.

SENHOR OTAVIANO *(olha arrogantemente para Camila)* - Buenas tardes, miserable. ¿Trajo el dinero que me debes? *(Fala, bravo.)* La fecha límite ha terminado, si no me entregar...

CAMILA *(interrompe Senhor Otaviano)* - Não precisa terminar a frase, o dinheiro está aqui.

(Entrega o dinheiro para o espanhol.) Agora não ouse mais ameaçar meus filhos! (Fala, brava).

SENHOR OTAVIANO *(bravo)* - ¡Entonces no te atrevas a deberme más ningún centavo! ¡Miserable! ¡Ahora vete de aquí!

(Camila sai da tenda de Senhor Otaviano e vai para tenda de Carla).

CENA X

Camila chega na tenda de Carla e a encontra ouvindo música e cantando em inglês.

Começo da tarde.

CARLA *(canta junto com a música, animada)* -

“Don't show up, don't come out. Don't stop caring about me now...”

CAMILA *(interrompe Carla)* - Quanta animação, hein mulher?

CARLA *(desliga a música)* - Oi, Camila! Não vi 'ocê' chegando. *(Fala, ofegante.)* To animada porque consegui um dinheirinho a mais mês passado e to fazendo umas 'aula' de inglês.

CAMILA *(sorrindo)* - Que chiqueza, Carla! *(Olha para as frutas e aponta.)* Quanto 'tá' es-

sa... *(Sons de tiro assustam Camila e Carla).*

CARLA *(preocupada)* - Ah meu Pai amado, o que será que foi dessa vez?

CAMILA *(indignada)* - Esse som já é trilha sonora da favela, né Carla? É melhor eu ir pra casa checar se as crianças já chegaram da escola. *(Fala, aflita.)* Já que eu volto, 'guenta' aí.

CARLA *(compreensiva)* - Vai lá!

(Camila sai de cena e volta para casa com pressa).

CENA XI

Camila chega com pressa no barracão e, logo depois, Dona Rosa chega em desespero.

Meio da tarde.

CAMILA *(abre a porta e a deixa aberta)* - Madalene, cadê seus irmãos? *(Pergunta, afobada)*.

MADALENE *(confusa)* - Chiquinha e Marlene 'tão' no banho, mas o Pedrinho ainda não chegou. Por que você tá assim, o que... *(Camila vira de costas para Madalene como se fosse sair do barracão.)* Mãe?

(Dona Rosa entra).

DONA ROSA *(desesperada)* - Camila!

CAMILA *(aflita)* - Dona Rosa, 'cê' viu o Pedro?
Ouvi uns tiros aqui do lado e... *(Camila é interrompida por Dona Rosa)*.

DONA ROSA *(fala rapidamente, aflita)* - Mata-ram o Pedrinho!

(Camila e Madalene ficam em choque).

CENA XII

Chiquinha e Marlene entram em cena. Todas em estado de choque olham para Dona Rosa.

Meio da tarde.

CAMILA *(em estado de choque)* - O que? *(Pergunta, devastada)*.

DONA ROSA *(com pena)* - A polícia atirou no João Pedro e no Pedrinho, quando os dois 'voltava' da escola. Alegaram que foi bala perdida. Eu sinto muito, Camila.

CAMILA *(chorando, ajoelha no chão e grita)* - Nããão! Meu Pedro não! Meu filho!

(As meninas abraçam Camila e choram juntas).

CENA XIII

Camila escreve em seu caderno.

Noite do dia seguinte.

CAMILA - "Hoje enterrei o corpo do meu filho. Ontem ele não morreu. Ele foi assassinado! Era começo da tarde e ele tava de uniforme, voltando da escola com seu amigo João Pedro. Os desgraçados chegaram de viatura, e só bastou olhar a cor da pele para atirar. Alegaram que foi bala perdida. A tal bala perdida que só acerta preto. *(Escorre lágrimas pelo seu rosto.)* Eles nunca fizeram mal a ninguém nunca fizeram nada errado! Mas pra polícia o critério para apertar o gatilho depen-

de de quanta melanina você tem. Genocídio!
(Para um pouco de escrever e chora.) Sinto
que uma parte de mim se foi. Não há dor
como a de perder um filho. Meu pequeno
Pedro fazia aniversário ontem e, ao invés de
ganhar, ele perdeu. Perdeu a vida aos 11
anos. *(Fala, indignada.)* Ontem Cristina perdeu
seu filho. Ontem eu perdi o meu. E daqui al-
guns minutos, outra mãe preta vai perder o
seu também. Até quando vão tirar dos favela-
dos os seus direitos, as suas oportunidades
e a igualdade na sociedade? Até quando vão
tirar as nossas vidas? Até quando vão nos
obrigar a sobreviver? *(Suspira.)* Até quando?"

(Sons de tiro).



ATO II

CENA XIV

Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, 9 horas da manhã, ao som de tiros, vizinhos conversando e sirenes de polícia.

Camila se encontra olhando o movimento. A preocupação é grande, há dois dias não come nada além de migalhas de pão.

CAMILA *(parada na porta, coça a cabeça manifestando sua inquietude; busca seu caderno para escrever)* - "Há uma semana to lutando contra a tristeza, a dor da perda de meu filho me dá um buraco imenso no peito. A injustiça que rodeia nossos dias, a dificuldade de sobre-

viver marginalizada, me tornam cada dia mais descrente da sociedade. Já são dois dias sem quase nada de comida, tamo nos mantendo a pão velho, vivendo como animais, sem o mínimo de piedade. Minha maior preocupação são minhas filha, que tão cedo são obrigadas a suportar a dor da fome. Hoje vou catar latas para vender e comprar alguma coisa de comer, mais um dia forrando estômago com migalhas e seremos abatidas".

(Camila sai de casa e vai catar latinhas).

CENA XV

Numa rua qualquer, próximo a uma lanchonete. O dia estava nublado. Um casal inglês composto por uma jornalista e um fotógrafo, interessados em conhecer a cultura local, caminham pela rua. Começo da manhã.

FOTÓGRAFO *(para ao lado da porta da lanchonete, quando vê Camila catando latinhas.)*

(Cutuca sua parceira e lhe mostra a mulher) -

Hey, look over there, but disguise!

JORNALISTA *(dirige o olhar curioso à Camila e diz em voz baixa) - Oh my God! What a poor thing! Does she need help or something?*

FOTÓGRAFO *(vai em direção à Camila) - Hi!*

Have you already had breakfast?

CAMILA *(olha assustada, sem entender nada que o fotógrafo fala)* - Cê tá falando comigo?

JORNALISTA *(fala seu português intermediário)* - Desculpe, meu parceiro e eu 'está' curiosos. Você precisa de ajuda? Teve seu café da manhã? Qual o seu nome?

CAMILA *(olha para o casal)* - Chamo Camila, 'num' comi hoje não moça, preciso terminar de 'junta' essas lata pra 'vendê' e conseguir um dinheiro pra 'comprá' algo de 'comê' pras minhas filhas.

JORNALISTA *(faz cara de espanto e pergunta, preocupada)* - Você não tem o que comer? Nós 'quer' ajudar você! Você não pode ficar em chuva. Nós 'compra' comida para 'seus' filhas.

CAMILA *(sem saber o que fazer, pega a sacola ressbabiada; não confia nos estrangeiros)* -
Agradeço, mas não preocupa não...

JORNALISTA - Espera moça! Nós 'insiste' em ajudar! Eu sou jornalista na Inglaterra e vim para o Brasil escrever sobre a cultura. Por favor, nós 'compra' comida para você aqui na lanchonete! *(Vira para o parceiro.)* The woman and her children don't have anything to eat and we are going to buy food for her.

FOTÓGRAFO *(balança a cabeça concordando)* -
Let's go there! Call her!

JORNALISTA - Vamos?

CAMILA *(decide aceitar a ajuda)* - Tudo bem.

(Os três vão para a lanchonete).



CENA XVI

Os três estão sentados numa mesa, calados, observando uns aos outros e a comida sobre a mesa.

JORNALISTA *(suspira e tenta puxar assunto)* - Então Camila, o que você faz da vida? Tem quantas filhas?

CAMILA *(olha para baixo e começa a chorar; a jornalista apoia a mão sobre seu ombro)* - Sou catadora de latinhas... Tenho um barraco na favela e três filhas para alimentar. Na semana passada perdi meu filho mais novo, Pedrinho, por um “acidente” da P.M., que injustiça os pobres graças aos estereótipos da vida!

JORNALISTA *(desacreditada)* - Oh my God! Não posso acreditar! Eu 'to' perplexa com o que você me 'conta'! Meus sentimentos por sua perda, Camila. Nem nos apresentamos, desculpa. Eu sou Debbie Jones, jornalista da BBC News UK, e ele é Arthur Smith, fotógrafo, também da BBC. Estamos 'disposto' a ajudar você e 'seus' filhas, em que for possível.

CAMILA *(com olhar esperançoso, dirige um meio sorriso)* - Agradeço por sua preocupação e solidariedade. Normalmente não nos tratam com muita compaixão.

JORNALISTA *(devolve o sorriso e pega nas mãos de Camila)* - Nós 'leva' você até sua casa e 'vê' em que 'pode' ajudar. *(Olha para o companheiro.)* The woman lives in a shantytown, with three daughters, living on the money

from sale of cans, and she recently lost her youngest son to a confusion by the police. Let's take her home and see how we can help.

FOTÓGRAFO - Okay, but I'm not sure how we could help her...

JORNALISTA (*pensa por alguns segundos*) -

We are going to buy food for her and her daughters and have a look at her house, maybe we can leave a sum of money too.

FOTÓGRAFO (*sereno, concorda com a cabeça*) - Alright, let's do it then.

JORNALISTA (*faz gesto com a mão para chamar a garçonete*) - Por favor, eu quero que você monte uma refeição para quatro pessoas, para viagem e feche a conta. (*Garçonete anota o pedido e vai até o balcão*).

JORNALISTA *(tira o celular do bolso)* - Ok, Camila, eu 'chamo' um táxi, você coloca seu endereço aqui, por favor.

CAMILA *(confirma com a cabeça, pega o celular e fica olhando para o aparelho)* - Certo, vamos tentar.

JORNALISTA *(surpresa)* - Você nunca usou um celular?

CAMILA *(nega com a cabeça)* - Nunca. *(Começa a clicar na tela e consegue escrever o endereço).*

GARÇONETE *(volta com uma sacola, trazendo a conta)* - Aqui está senhora.

JORNALISTA *(efetua o pagamento)* - Muito obrigada! *(Pega a sacola e levanta da cadeira.)*
Vamos para sua casa!

CAMILA - Vamos lá. *(Os três levantam das ca-*

deiras e vão em direção à saída).

FOTÓGRAFO *(sorri simpaticamente)* - Let's go then!

(Camila e os estrangeiros vão para o Aglomerado da Serra).

CENA XVII

Debbie, Arthur e Camila chegam na comunidade. Meio da manhã.

CAMILA *(suspira cabisbaixa)* - Pois bem, aqui estamos... Aglomerado da Serra. Lugar esquecido por Deus e pela classe alta. Vamos entrar.

JORNALISTA *(espantada, olha para cima, para os lados, examina o território)* - Você mora aqui?

CAMILA *(desconfiada)* - Sim, essa é a comunidade que eu vivo. Algum problema?

JORNALISTA *(envergonhada da pergunta)* - Problema nenhum! Achei interessante o lugar, nunca tinha ido em algo parecido.

CAMILA - 'Tamo chegano'. 'Aperta' o passo!

CENA XVIII

Chegam na casa de Camila. Jornalista e fotógrafo espantados com tamanha pobreza, observam detalhadamente o barraco.

CAMILA *(se depara com suas filhas brincando e olha assustada para elas)* - O que vocês 'tão' fazendo aqui? Por que não foram na escola? Quem diabos autorizou isso?

CHIQUINHA - Hoje não deu pra ir... *(Madalene interrompe)*.

MADALENE - Por causa da chuva os tios ficaram sem energia lá na escola... Parece que teve uma enchente, um barranco desmoronou na entrada, mãe!

CAMILA - Que horror, filhas! Vão brincar lá fo-

ra, então. Tenho convidados, preciso de espaço aqui dentro. Voltem bem antes de escurecer!

CHIQUINHA *(chama suas irmãs e corre para fora)* - Pode deixar, mãe!

JORNALISTA *(se despede das meninas e entra na casa)* - Com licença, Camila. Onde posso deixar a comida? Você tem geladeira?

CAMILA *(responde debochando)* - Você 'tá' vendo alguma? *(Ri.)* Pode deixar na mesa, por favor.

JORNALISTA *(observa a casa e se depara com um livro na mesa; pega o livro e passa os olhos em algumas páginas)* - Look at this different book! *(Dá o livro nas mãos de seu parceiro).*

CAMILA *(tira o caderno das mãos dos estrangeiros, ao perceber que era seu diário)* - Esse é o meu diário. Não toque!

JORNALISTA (*constrangida*) - Me desculpe... Não sabia que não 'pode' tocar no seu diário! Achei que era um livro qualquer. Mas o que é que você escreve tanto aí?

CAMILA - Escrevo sobre a minha rotina, o dia a dia na comunidade ao meu ver.

JORNALISTA (*curiosa*) - E a senhora já pensou em publicá-lo? Talvez 'pode' ganhar muito dinheiro com isso. Como já 'diz', eu e meu parceiro 'trabalha' em empresas de jornais muito famosas, adoraríamos publicar algo vindo de uma mulher brasileira tão lutadora.

CAMILA (*sorri*) - Bom... Não sei... Sou uma mulher tão miserável e com uma vida nada interessante. As pessoas não 'tão' 'acostumada' com esse tipo de história, não sei se vão gostar.

JORNALISTA - Por esse motivo nós 'deve' publicar! Precisamos levar ao público para que a sociedade enxergue o lado difícil que pessoas como você vivem. A parte que a mídia sensacionalista não mostra. Camila, eu quero ajudar você, pois você merece o valor e o reconhecimento que o mundo ainda não te dá.

CAMILA *(com olhar de emoção, pega nas mãos da jornalista e de seu parceiro)* - Eu não sei como agradecer tamanha bondade. Deus lhe pague por tanto!

(Debbie, Arthur e Camila conversam mais sobre a ideia de publicar o livro).